

O capitalismo como religião entre Walter Benjamin e Paul Tillich

Elton Vinicius Sadao Tada

Introdução

O presente trabalho busca fazer alguns apontamentos sobre as semelhanças e diferenças do pensamento de Paul Tillich e de Walter Benjamin. Os dois autores serão comparados no que diz respeito à ideia de que o sistema capitalista pode ser considerado uma religião. Feitas as apresentações e comparações a partir dos dois autores, pretende-se ainda ponderar a noção do capitalismo como religião, levando em conta a distância sócio-temporal que afasta o período de escrita dos autores em relação aos dias atuais.

O ponto escolhido como mais relevante para a presente discussão não são as consequências reais da ideia do capitalismo como religião. Em primeiro lugar pretende-se entender qual o conceito de religião que norteia tanto o pensamento de Paul Tillich quanto o de Walter Benjamin. Os desdobramentos sócio-político-culturais da ideia de capitalismo como religião serão trabalhados de maneira contingente, de acordo com a necessidade de discussão de cada temática a partir do objetivo central.

O capitalismo como religião

Walter Benjamin foi um dos expoentes da Escola de Frankfurt. Em tal meio ele pôde desenvolver seu sistema filosófico-social, sobretudo a crítica sobre a reprodução e consumo da obra de arte, que teve o auge de seu desenvolvimento no século XX, período no qual o pensador estava inserido. Além da própria Escola de Frankfurt e do cenário intelectual da Alemanha de sua época, Benjamin contou com fatores exteriores bastante válidos, como as duas grandes guerras e a luta do capitalismo contra o socialismo.

A ideia do capitalismo como religião no pensamento de Walter Benjamin é derivado da seguinte afirmação:

O capitalismo deve ser visto como uma religião, isto é, o capitalismo está essencialmente a serviço da resolução das mesmas preocupações, aflições e inquietações a que outrora as assim chamadas religiões quiseram oferecer resposta. A demonstração da estrutura religiosa do capitalismo, que não é só uma formação condicionada pela religião, como pensou Weber, mas um fenômeno essencialmente religioso, nos levaria ainda hoje a desviar para uma polêmica generalizada e desmedida. Não temos como puxar a rede dentro da qual nos encontramos. Mais tarde, porém, teremos uma visão geral disso. Em primeiro lugar, o capitalismo é uma religião puramente cultural, talvez até a mais extremada que já existiu. Nele, todas as coisas só adquirem significado na relação imediata com o culto; ele não possui nenhuma dogmática, nenhuma teologia. Sob esse aspecto, o utilitarismo obtém sua colaboração religiosa (BENJAMIN, 2013, p.21).

Aqui devemos analisar dois momentos. No primeiro, Benjamin explica por que o capitalismo deve ser entendido como uma religião. No segundo momento ele começa a nos mostrar como é a estrutura de tal religião e quais são suas implicações.

Benjamin entende o capitalismo como religião porque acredita que tal sistema lida com as mesmas preocupações que a religião costuma lidar. Esse talvez seja o ponto de contato mais direto entre o pensamento de Benjamin com o de Tillich. No desenvolvimento de sua teologia da cultura, Paul Tillich sempre afirma que a religião é aquilo que preocupa o ser humano de maneira última, suprema. Tentemos entender a noção de religião em Paul Tillich a partir de um de seus conceitos fundamentais, o de *ultimate concern*:

O *ultimate concern* é a tradução abstrata do grande mandamento do amor a Deus. Trata-se do interesse religioso, que é último (decisivo, definitivo, tornando todos os outros preliminares e provisórios), incondicionado, total e infinito. O *concern* remete ao caráter existencial da experiência religiosa. O “objeto” da religião só pode ser atingido por uma atitude radical, não objetivamente, total, por “uma paixão e um interesse infinitos” (Kierkegaard). A preocupação suprema é a única competência do teólogo enquanto tal. Os interesses preliminares, em todos os setores da cultura, não podem ser absolutizados e substituir o interesse absoluto, mas devem ser considerados portadores e veículos dele.

A preocupação suprema é uma questão de ser ou não-ser, pois fazemos a experiência de uma ameaça radical em relação com o conjunto da realidade humana, com a estrutura, o sentido e a finalidade da existência. Ao mesmo tempo, pertencemos ao infinito, estamos separados dele e aspiramos a ele que é o nosso ser verdadeiro. Está em jogo o nosso supremo destino! (HIGUET, 1995, p.43)

Desde já pode-se notar certa semelhança com o que foi demonstrado sobre a noção de religião de Walter Benjamin. Fala-se aqui também em preocupação, e nas possíveis respostas para as mesmas. Certamente é necessário que se perceba que há uma diferença entre as preocupações mais simples e a preocupação suprema. A preocupação suprema é aquilo que põe o ser humano frente a ameaça do não-ser e demonstra o anseio do ser humano de se religar com o infinito ao qual pertence.

O que deve ser buscado durante todo o trabalho é a resposta de uma dupla questão: o conceito de religião de Benjamin atende ao princípio tillichiano de que o objeto da religião deve preocupar o ser humano de maneira suprema? Por outro lado, a noção de preocupação suprema de Paul Tillich pertence ao grupo de preocupações que Benjamin diz terem sido respondidas pela religião anterior ao capitalismo?

Depois de justificar sua afirmação de que o capitalismo é uma religião, Benjamin começa a mostrar o funcionamento da mesma. Entender o funcionamento do capitalismo como religião não é fazer uma teologia sobre o mesmo, mas sim notar quais são as lógicas sacro-linguísticas-rituais que sustentam a possibilidade de tal fenômeno.

O capitalismo como religião apresenta uma ênfase no elemento cúltico.

Ligado a essa concreção do culto está um segundo traço do capitalismo: a duração permanente do culto. O capitalismo é a celebração de um culto *sans rêve et sans merci* [sem sonho e sem piedade]. Para ele, não existe “dias normais”, não há dia que não seja festivo no terrível sentido da ostentação de toda a pompa sacral, do empenho extremo do adorador (BENJAMIN, 2013, p.22).

Esse é um ponto importante da presente análise, pois mostra o diferencial do capitalismo em relação às outras religiões. O cristianismo, religião que segundo Benjamin serviu de hospedeiro para o desenvol-

vimento parasitário da religião, é uma religião com ênfase teológica, na qual o discurso lógico se afasta da prática cültica em diversos momentos. Nesse sentido pode ser complicado para a mentalidade cristã ocidental entender o aspecto religioso do capitalismo.

Como o culto no capitalismo é constante e interminável, o adorador, seu fiel, precisa dedicar muito de sua vida para que possa participar de seus ritos. Para que se possa consumir é necessário que se entre na lógica do capital. Assim, a prática cültica do sistema capitalista como religião nem sempre é feita a partir de uma tomada de consciência do indivíduo e dos grupos. Aliás, a lógica do lucro e do consumo funcionam independentemente a qualquer guia de comportamento econômico, ou seja, as possíveis teologias e a formulação de dogmas são facilmente dispensáveis na religião capitalista.

Mesmo inconscientemente, o indivíduo dentro do sistema pode acabar fazendo o duplo contato que aproxima ainda mais o capitalismo de seu formato religioso:

Portanto, o fetichismo dos bens consumíveis não é simplesmente a ligação das pessoas a coisas materiais – crítica comum encontrada principalmente em círculos religiosos –, mas o fenômeno curioso e muito mais problemático que as relações entre coisas formam inconscientemente as relações entre seres humanos e, assim, a subjetividade humana em seus níveis mais profundos, inclusive a religião (MO SUNG, 2012, p.63).

Ao contrário do que poderia se propor a partir da ideia de que a ênfase do capitalismo é colocada sobre o culto, não há um elemento expiatório. Pelo contrário, o culto capitalista é propositalmente culpabilizador.

Em terceiro lugar, esse culto é culpabilizador. O capitalismo presumivelmente é o primeiro caso de culto não expiatório, mas culpabilizador. Uma monstruosa consciência de culpa que não sabe como expiar lança mão do culto, não para expiar essa culpa, mas para torná-la universal, para martelá-la na consciência e, por fim e acima de tudo, envolver o próprio Deus nessa culpa, para que ele se interesse pela expiação. Esta, portanto, não deve ser esperada do culto em si, nem mesmo da reforma dessa religião, que deveria poder encontrar algum ponto de apoio firme dentro dela mesma; tampouco da recusa de aderir a ela. Faz parte da essência desse movimento religioso que é o capitalismo aguentar até o fim, até a culpabilização final e total de Deus, até que seja alcançado o estado de desespero universal, no qual ainda se deposita alguma *espe-*

rança. Nisto reside o aspecto historicamente inaudito do capitalismo: a religião não é mais reforma do ser, mas seu esfacelamento. Ela é a expansão do desespero ao estado religioso universal, do qual se esperaria a salvação. A transcendência de Deus ruiu. Mas ele não está morto; ele foi incluído no destino humano. Essa passagem do planeta “ser humano” pela casa do desespero na solidão absoluta de sua órbita constitui o éthos definido Nietzsche. Esse ser humano é o ser super-humano [Übermensch], o primeiro que começa a cumprir conscientemente a religião capitalista (BENJAMIN, 2013, p.22).

Sobre tal ponto a teoria do desejo mimético de René Girard pode ser utilizada como uma interlocutora direta. Em sua análise do império do capital Jung Mo Sung faz o seguinte comentário:

Contudo, o desejo mimético não cresce indefinidamente. Girard analisa também os limites desse desejo. Quando aumentam as tensões nas quais a subjetividade é produzida, a certa altura o grupo adversário se une e dirige sua rejeição para uma única pessoa ou um grupo minoritário; é quando começa o processo de sacrifício, no qual é selecionado uma bode expiatório que tem de carregar as tensões. Nessa situação a agressão “faz uma pausa”; o bode expiatório é agora o único que age. Segundo Girard, bode expiatório e sacrifício são os mecanismos típicos seguidos no mundo antigo. Ali, o sacrifício religioso era o mecanismo principal para reprimir a escalada do desejo mimético e seus efeitos violentos. “A função do sacrifício é sufocar a violência dentro da comunidade e evitar que conflitos explodam”. Ele ressalta que o início do Cristianismo e a crença que Cristo é o sacrifício definitivo interrompem esse processo e, assim, provocam seu fim (MO SUNG, 2012, p.46).

Em complemento à ideia do constante culto sacrificial no capitalismo é importante que se entenda a posição da divindade no mesmo:

O quarto traço dessa religião é que seu Deus precisa ser ocultado e só pode ser invocado no zênite de sua culpabilização. O culto é celebrado diante de uma divindade imatura; toda representação dela e toda ideia sobre ela viola o mistério da sua madureza (BENJAMIN, 2013, p.22).

No pensamento de Walter Benjamin, toda vez que se tenta entender ou apresentar as faces do deus da religião capitalista, existe uma forma de controvérsia ou profanação religiosa. O funcionamento da religião depende da ocultação de seu deus, e procurar por sua face é a

proposta germinal de uma teologia, que é, como já foi mostrada, uma característica inaceitável no capitalismo enquanto religião.

Uma importante noção que Walter Benjamin apresenta na defesa de sua tese de que o capitalismo é uma religião parte da compreensão de como se deu o desenvolvimento do mesmo na sociedade. O capitalismo não foi algo que assumiu a função do controle econômico imediatamente, mas sim foi ocupando o espaço que lhe foi dado a partir de fenômenos culturais.

No Ocidente, o capitalismo se desenvolveu como parasita do cristianismo – o que precisa ser demonstrado não só com base no calvinismo, mas também com base em todas as demais tendências cristãs ortodoxas –, de tal forma que, no final das contas, sua história é essencialmente a história de seu parasita, ou seja, do capitalismo (BENJAMIN, 2013, p.23).

A partir do momento que se entende que o capitalismo se desenvolveu como parasita do cristianismo, deve-se questionar quais as consequências de tal fato para ambos os lados. Por ter se sustentado nas bases do cristianismo e tirado do mesmo sua força e seu sustento o capitalismo encheu-se de conteúdo religioso. Por outro lado, o cristianismo deu ao capitalismo aquilo que lhe era vital, enfraquecendo-se nessa dinâmica.

Sobre a relação direta entre o capitalismo e a religião Paul Tillich afirma:

A segunda característica desse ascetismo intramundano era a atividade no mundo para produzir instrumentos e ferramentas, com os quais se alcançava lucro. É o que Max Weber chamou de “o espírito do capitalismo” (*A ética protestante e o espírito do capitalismo*). Essa doutrina tem sido tão mal entendida que preciso fazer algumas considerações a respeito. Para muita gente, grandes pensadores como Max Weber e Ernst Troeltsch teriam afirmado que o calvinismo produziu o capitalismo. Então, essas pessoas queriam ensinar a Weber o que ele certamente já sabia – Weber que foi, provavelmente, o maior pensador do século dezenove nos campos da sociologia e dos estudos humanísticos. Pensam que lhe ensinavam novidades afirmando que o capitalismo já existia antes do Calvino, especialmente na planície da Lombardia, ao norte da Itália, nas cidades alemãs do norte e do sul, em Londres etc. O que Weber realmente afirmou é que havia qualquer coisa no espírito da ética calvinista, e de certas éticas sectárias relacionadas com o calvinismo, voltada aos propó-

sitos do investimento, importante elemento da economia capitalista. Nas economias pré-capitalistas, os ricos ostentavam suas riquezas em estilos luxuosos de vida, construindo castelos, mansões e belas residências aristocráticas. O calvinismo, porém, mostrou que a riqueza poderia ser usada de outra forma. Havia, por um lado, as dotações, e por outro, os novos investimentos. As economias capitalistas alimentam-se da transformação do lucro em investimentos, gerando aumento da produção, em vez de desperdício desse lucro em estilos luxuosos de vida.

Era isso o que Max Weber queria dizer. Se vocês não acreditam no acerto das análises de Weber, posso lhes dizer que na Alemanha Oriental, antes das catástrofes do século vinte, as cidades protestantes eram ricas, e as católicas, pobres. É provável que os pobres fossem mais felizes do que os ricos. Mas as cidades e capitais, influenciadas pelo calvinismo, produziram o capitalismo na Alemanha. As cidades influenciadas pelos católicos e pelos luteranos não acompanharam as tendências calvinistas” (TILLICH, 2007, p.267-268).

Tanto Paul Tillich quanto Benjamin dão especial atenção ao pensamento weberiano. A maior diferença é que Benjamin mostra de maneira explícita que o capitalismo se desenvolveu de maneira parasitária em relação ao cristianismo. Enquanto isso, Tillich afirma apenas que existe na ética protestante “qualquer coisa” que permite e alavanca o crescimento do capitalismo. Outro ponto de divergência entre os dois autores é que enquanto Benjamin fala sobre o cristianismo de maneira geral, Tillich insiste em mostrar a face do protestantismo que melhor se relaciona com os propósitos capitalistas. Desse modo, Tillich não explicaria com facilidade a disseminação do capitalismo em todo o mundo, mas se restringiria ao universo protestante europeu.

A função linguística e racional da religião é apresentada por Tillich nos seguintes termos:

Schleiermacher ressaltava a função do “sentimento” na religião e Hegel a do “pensamento”, fazendo surgir a tensão entre ambos. Hegel dizia que até mesmo os cães possuem sentimentos, mas apenas o homem, pensamento. Essa tensão surgiu de um mal-entendido não intencional do que Schleiermacher queria dizer com “sentimento”, coisa que ainda se repete hoje em dia. Mas o mal-entendido expressava a verdade que o homem não pode viver sem pensamento. O ser humano tem que pensar mesmo se for o mais piedoso dos cristãos sem qualquer educação teológica. Até na religião damos nomes a objetos especiais; fazemos distinção

entre os diversos atos da divindade; relacionamos os símbolos entre si e explicamos os seus significados. Todas as religiões se utilizam da linguagem, e onde há linguagem há também termos universais ou conceitos que precisamos usar mesmo nos mais primitivos níveis de pensamento. Convém observar que esse conflito entre Hegel e Schleiermacher já fora antecipado, no século terceiro de nossa era, por Clemente de Alexandria quando disse que os animais tivessem religião, ela seria muda, sem palavras (TILLICH, 2007, p.18).

Dessa afirmação pode-se entender que para que se entenda a religião é indispensável que se compreenda suas linguagens e que se acesse de maneira racional o sentido de suas crenças e práticas.

Para nossos dias é necessário que se faça uma revisão do alcance tanto dos conceitos hegelianos quanto das bases modernas do pensamento de Schleiermacher:

Embora a Modernidade seja construída sobre o ego dominante dos filósofos, os fanáticos, os industrialistas, os exploradores, os revolucionários e os políticos, em uma situação Pós-Moderna esse ego desgastou-se de várias maneiras. A teologia liberal do “Primeiro Mundo”, por exemplo, já não trata mais da dimensão profunda do que Schleiermacher chamou de “sentido de absoluta dependência” que liga a humanidade a Deus; agora a teologia trata de qualquer sentimento que prometa nos fazer felizes e proporcione gratificação instantânea. Até a espiritualidade Pós-Moderna corta caminho e com frequência promove felicidade efêmera sem compromisso. Essa tendência lança alguma luz na diferença entre tempos coloniais e pós-coloniais: exatamente como a estrutura de poder autoritário da colônia foi substituída por expressões mais sutis de poder, parece que a intensa relação de dependência que liga colonizados e colonizadores também não é mais exigida. Como o multiculturalismo, tais relações prosperam em relações superficiais e algumas imagens efêmeras do outro (na tevê, ou por meio da modificação conjunta da cultura de outro povo por meio de restaurantes étnicos, música ou arte). Isso nos ajuda a entender por que o tele-evangelismo funciona tão bem hoje: algumas imagens efêmeras do Outro divino são suficientes também (MO SUNG, 2012, p.54).

Feita a ressalva conceito-temporal, deve-se notar que Paul Tillich, apesar de apresentar um sistema de entendimento da religião no qual a cultura desempenha papel essencial, parece estar sempre mais preocupado com as consequências metafísicas do fenômeno religioso do que com seus desdobramentos sociais. Talvez por isso ele não tenha susten-

tado a tese de Benjamin na qual o capitalismo é também uma religião. Entretanto, em suas análises de sistemas político-sociais, Tillich utiliza seu conceito de “quasi-religions”, o qual podemos traduzir como quase-religiões ou pseudo-religiões. Nessa construção o teólogo afirma que no secularismo existem ideologias que se aproximam estruturalmente de religiões, mas que não podem ser entendidas como tais por não terem sua origem e sucesso baseados em objetos religiosos.

O capitalismo não é entendido por Paul Tillich como uma religião e nem mesmo como uma quase-religião. Isso se dá porque basicamente o teólogo não entende o capitalismo como um sistema ideológico, mas sim como um sistema financeiro. Essa compreensão tillichiana se torna de complicada aceitação até mesmo porque o socialismo é uma estrutura a qual o autor trabalha grandemente no âmbito de quase-religião.

Apesar do próprio Paul Tillich não ter trabalhado com a noção de que o capitalismo é uma religião ou quase-religião, parece certo afirmar que tanto os conceitos de sua teologia profética da cultura quanto sua filosofia cultural da religião são ferramentas válidas para que se compreenda o capitalismo como tal. É importante que se entenda que o conceito de quase-religião tillichiano é tardio, e deve ser compreendido no contexto da guerra fria.

Francis Cing-Wah Yip defende em seu livro “Capitalismo como religião? Um estudo da interpretação da modernidade de Paul Tillich” a ideia de que apesar do teólogo não ter trabalhado com a afirmação positiva de que o capitalismo é uma religião, sua teologia da cultura demonstra diversas análises que podem ser interpretadas como tais. Todavia, há de se ter sempre o cuidado de entender que para Paul Tillich existe a possibilidade de separação entre religiões e quase-religiões.

Consequências do capitalismo como religião para a América Latina

A teologia latino-americana foi marcada nas últimas quatro décadas por estudos sociais que se estendiam desde leituras populares da bíblia ao alinhamento do evangelho cristão aos propósitos marxistas. Em contraponto surgiram propostas teológicas e sobretudo cúlticas que valorizavam o desenvolvimento financeiro do indivíduo, baseando-se principalmente na ideia da necessária prosperidade.

Apresentar a noção de Walter Benjamin de que o capitalismo é uma religião pode ser uma chave hermenêutica significativa para os estudos teológicos e culturais na América latina. Entender que apesar de Paul Tillich não ter afirmado que o capitalismo se dá como religião, suas ferramentas conceituais podem facilmente ser empregadas para o estudo do caráter religioso do capitalismo, significa propor um novo modo de proceder a análise teológica do capitalismo enquanto religião.

Para que não se caia em pressupostos já conhecidos na história do pensamento teológico latino-americano, vale entender que não se deve romantizar os pobres e a pobreza.

Não afirmamos, como alguns pretendem, que ali, nos mais humildes, nos pobres e excluídos, nos fracos e despojados está o poder que destruirá o Império. Isso seria carregar sobre as costas deles uma responsabilidade a mais, outra opressão. Mas, sim, dizemos que em sua presença não querida, em sua impossível ocultação, em suas mortes e cruzes desenhadas no muro da vergonha, mostra-se, a partir da reserva de sentido anti-hegemônico dos povos, o espírito de vida (MO SUNG, 2012, p.46).

Apesar da não romantização da pobreza latino-americana, é possível sim que se demonize o espírito do império capitalista em termos tillichiano. Uma das bases da teologia profética da cultura tillichiana é o apontamento de sinais demoníacos em desenvolvimento no cotidiano. Esse espírito demoníaco precisa ser cuidado para que o mesmo não recaia contra o espírito de vida do povo latino-americano.

Noam Chomsky explica seu posicionamento sobre a possibilidade de enfrentar a barbárie contemporânea:

Temos hoje os recursos técnicos e materiais para atender às necessidades animais do homem. Não desenvolvemos os recursos culturais e morais – ou as formas democráticas de organização social – que possibilitam o uso humano e racional de nossa riqueza e poder matérias. É concebível que os ideais liberais clássicos, expressos e desenvolvidos em sua forma socialista libertária, sejam realizáveis. Mas se assim forem, o serão apenas por um movimento revolucionário popular, baseado em um amplo estrato da população e comprometimento com a eliminação de instituições repressoras e autoritárias, estatais e privadas. Criar esse movimento é um desafio que enfrentamos e que devemos cumprir, se quisermos escapar da barbárie contemporânea (CHOMSKY, 2007, p.54)

Se entendermos a barbárie contemporânea de Chomsky como sinônimo do espírito demoníaco tillichiano, podemos entender que a noção do capitalismo como religião abre portas para que a teologia e os estudos de religião apresentem também contribuições válidas para a realidade sócio-cultural da América latina.

Em tempos nos quais a noção de pós-modernidade é notoriamente enfatizada, pode-se voltar a pensamentos de frankfurtianos como Benjamin e Tillich para dialogarmos com a amplitude atual do império do capital.

A função da teologia se defende do seguinte modo:

À luz desses fenômenos variados, o papel da teologia e dos estudos religiosos na análise desses fatos praticamente não precisa de desculpa. A espiritualidade do consumismo e seus rituais, a ética do trabalho que é sustentada por vários modos de produção e a metáfora religiosa empregada nos esforços de guerra – um congressista republicano chegou a afirmar que foi Deus que acabou com Nova Orleans, e o vice-presidente Cheney observou que Impérios não surgem sem a ajuda de Deus – tudo afirma a eficiência da teologia e da religião. Precisamos urgentemente de uma investigação crítica que nos ajude a entender os limites humanos e os limites de nossa compreensão do divino (MO SUNG, 2012, p.52).

O espírito crítico que aqui se crê indispensável para a realidade latino-americana, deve ser procurado no começo do século anterior, em pensadores que viveram períodos de guerra, falência nacional, exílio e reapresentação tanto do socialismo quanto do capitalismo. Quiçá olhando para seu passado recente a teologia e os estudos de religião na América latina possam projetar melhor suas preocupações atuais.

Conclusão

Feitas as reflexões acima mostradas, há de se entender a guisa de conclusão do texto alguns elementos significativos na relação entre capitalismo e religião no pensamento de Walter Benjamin e de Paul Tillich. Mostrou-se de maneira evidente que o pensamento de ambos nesse sentido não é idêntico, nem tende a ser. Apesar das diversas proximidades que os autores possuíram, especialmente pela mútua participação na escola de Frankfurt, há uma diferença significativa na concepção de religião dos mesmos.

As principais diferenças se apresentam a partir dos seguintes pontos: 1) Benjamin entende como religião aquilo que responde às preocupações do ser humano, enquanto Tillich coloca na categoria de religião apenas aquilo que tem como objeto as preocupações supremas do ser humano. 2) há uma diferença na leitura que os autores fazem da teoria weberiana de que a ética protestante favoreceu o desenvolvimento do capitalismo. Benjamin entende que o capitalismo se desenvolveu como um parasita do cristianismo em geral, levando com que o parasita acabasse ocupando espaços antes habitados pelo cristianismo, bem como por qualquer outra religião que pudesse responder de algum modo às preocupações de seus fiéis. Paul Tillich faz uma leitura mais ortodoxa do pensamento weberiano, acreditando que o desenvolvimento do capitalismo está diretamente ligado à prática do ascetismo protestante, sobretudo em seu formato calvinista.

Apesar das diferenças que podem ser notadas entre os pensamentos dos autores, há uma aproximação que acaba fazendo com que os resultados e aplicações dos conceitos de religião utilizados pelos autores se insiram em uma mesma linha de engenho intelectual: Walter Benjamin apresenta sua noção do funcionamento do capitalismo como religião em termos amplamente culturais. Nesse sentido ele se aproxima bastante da proposta central de trabalho de Paul Tillich, que é a teologia da cultura. Partindo de uma análise filosófico-social, Benjamin faz considerações que podem ser comparados a muitos momentos da teologia tillichiana, inclusive com sua teologia sistemática.

É fato que Walter Benjamin não chegou a desenvolver completamente sua ideia do capitalismo. Mesmo assim, entende-se aqui pelas vias da inferência lógica que tal ideia é válida, funcional, instigante, e que dialoga bem com a teologia e os estudos de religião de seu tempo. Isso se mostra a partir da relação que a mesma mostra com a teologia tillichiana. Além de tal percepção, é necessário que se aponte que as consequências da ideia do capitalismo como religião na sociedade são amplas e não de ser estudadas de diversas maneiras nos dias atuais para que os catastróficos desdobramentos de tal ideia não atinjam a sociedade de maneira desprevenida e desavisada.

Referências

- BENJAMIN, WALTER. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- CHOMSKY, N. **O governo do futuro**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- MO SUNG, J; MIGUÉS, N; RIEGER, R; **Para além do espírito do império: Novas perspectivas em política e religião**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- TILLICH, P. **Christianity and the Encounter of the World Religions**. New York & London: Columbia University Press, 1963.
- _____. **Filosofia de la religion**. Buenos Aires: La Aurora, 1973.
- _____. **Teologia da cultura**. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte editorial, 2009.
- _____. **Teologia Sistemática**. Trad. Getúlio Bartelli. 5ª edição revista (três volumes em um). São Paulo: Paulinas/São Leopoldo: Sinodal, 2005. 735 p.
- _____. **The Future of Religions**. New York: Harper & Row Publishers, 1966.
- YIP, FRANCIS CHING-WAH; **Capitalism as religion? A study of Paul Tillich's interpretation of modernity**. Massachusetts: Harvard, 2010.